



CONCURSO DE REDAÇÃO 2017 VENCEDORES RIO PRETO



CATEGORIA 8º e 9º ANOS CRÔNICA

- **1º LUGAR**

Escola: EMEF PROF ATHAYR DA SILVA ROSA

Cidade: Urupês

Aluna: Dariana Maira Silva Paulino - 9º Ano

Professora: Rosilene Aparecida da Silva Jacomini

Diretora: Adriana Regina Carnielo de Carvalho

O BEM QUE NÃO ESTÁ NA CASCA

Arregalo os olhos e vejo o céu: o sol já acordou. O dia começa e só o percebo pela movimentação dos carros e dos transeuntes nas ruas. Ah, sim... e também por esse cheiro. Forte, amargo, quente... café. As portas da padaria já se abriram e delas sai a instiga de um café quentinho com um pão macio. Hummm... a barriga implora, mas, como sempre, terá que aguentar.

“Olhe só, que cambada de preguiçosos! Todos ainda jogados no chão, dormindo!”, ouço daquelas pessoas que passam ao meu lado. Outras me olham, dizem “bom dia”, outras nem dizem. Algumas fingem não me ver, desviam o olhar, mostram seus rostos sérios. Levanto e vou para a outra esquina. Os carros estão inquietos. Uns vem de lá, outros vem de cá e assim parece nunca parar. Uma criancinha com uma mochila nas costas atravessa a rua. O pai a arrasta com força. “Não quero, pai, não quero ir para escola!”. O pai parece estar sem paciência. Ele me olha. “Vamos logo, menino, olhe para aquele homem. Quer ser igual a ele? Mendigar pelas ruas, não ter emprego, nem ao menos saber ler e escrever?”. O garoto me olha, assustado. Finjo não ouvir e continuo andando. “Vá para a escola, menino”, foi o que consegui dizer, para mim mesmo, enquanto o pai continuava a arrastá-lo para depois da esquina. Eu já havia me acostumado.

Depois de andar algumas ruas, chego em uma praça. Sento num banco e espero por Luísa: uma moça bonita e muito bondosa que ajuda moradores de rua, dando comida logo de manhã. Todos os dias ela aparece na praça: sorridente e carregando muitas sacolas, cheias de comida. Ao ver o sorriso dela, volto a tempos passados e assemelho o formato de seu riso com o de meu filho... Filho meu que há muito tempo não vejo...

“E lá vem ela”, penso eu, enquanto Luísa chega depois de conversar com outros mendigos. Ela me entrega um saco com três pães, uma maçã e um punhado de castanhas ainda com cascas. Olho para ela e vejo um semblante de dúvidas: “Ela vai me fazer perguntas”, e então faz. “Sabe, há muito tempo venho aqui. Dou comida para vocês. Mas, todos nós temos uma história. Qual é a sua? Por que está aqui?”

Dou um longo suspiro, e então digo: “Hoje uma criança sentiu medo de mim por seu pai me menosprezar, por eu ser um mendigo. Essa criança era meu neto. “Luísa me fita.” Por que acha que aquele homem é diferente ou melhor que você?”. Ela pega uma castanha e consegue abri-la facilmente. Em uma mão separa as cascas e na outra a castanha. Volta a me fitar e logo diz: “Somos cascas e por dentro carregamos o mesmo fruto. É por isso que faço o que faço.” Ela joga as cascas no lixo e mete a castanha na boca.
